

Falta "collorir" um quadro

A expressão de Fernando Collor de Mello era de espanto: "Meu Deus, tudo isto?", repetia ao telefone. Naquele momento, na última terça-feira, às quatro horas da tarde, recebia resultados de pesquisa do Instituto Vox Populi, de Belo Horizonte, que confirmavam indícios do Ibope, apontando-o com 40% das intenções dos votos. No final, a pesquisa foi mais longe, indicou-o com 42% da preferência dos eleitores. Mesmo faltando cinco meses para as eleições, o resultado entusiasmou Collor, porque se deu em um ponto em que as candidaturas estão postas, sem possibilidades de novidades espetaculares, a ponto de inverter o quadro. "É, acho que estou eleito", comentou depois de análise rápida dos números.

E agora? Esta é a pergunta que Collor de Mello anda fazendo. Dono de um partido que nasceu apenas para lançá-lo, oriundo de um estado pequeno do Nordeste, Collor precisa de quadros. Namora com especial interesse algum tipo de acordo com os *tucanos*, partido que lhe é muito simpático. Collor foi o primeiro a lançar Covas como candidato a presidente, ainda no tempo que militava no PMDB. Ele costuma justificar esta simpatia dizendo: "Tenho votos e não tenho quadros, o PSDB tem quadros, mas não tem votos." Nada existe até o momento de concreto entre o PRN e o PSDB, além de vagas conversas do deputado Renan Calheiros, ex-PMDB e ex-PSDB, coordenador político de Collor, com alguns *tucanos*. Não se espera que saia destas conversas algo mais concreto até as eleições. Afinal, o PSDB tem seu candidato. Ao mesmo tempo, Collor de Mello se vê pressionado a ter nomes nacionais e qualificados, e respostas precisas para a crise do país. Isto em velocidade proporcional a seu desempenho nas pesquisas.

Mesmo dono de formidável cacife eleitoral, Collor ainda é solenemente desprezado pela intelectualidade. Não tem a simpatia das pessoas que poderiam ajudá-lo a formular o futuro próximo do país. Tem ao seu lado a professora Zélia Cardoso Mello, ex-PCB e ex-PMDB, que organiza seu programa eleitoral. Ela conta com pequena ajuda, discreta, de militantes do PMDB e do PSDB. Mas, nesta altura da campanha, Collor precisa de muito mais formuladores, porque, além de sua facilidade de captar a simpatia do eleitorado, é dono apenas de idéias gerais para o Brasil. Está longe de ter um plano pronto e acabado para o país.

Embora insistentemente apontado pela esquerda como candidato da direita, Collor não tem ao seu lado nenhum conservador para influenciá-lo. Além da professora Zélia, de origem da esquerda, todo seu *staff* tem origem no PMDB. Collor não conversa com Delfim Neto, nem com Roberto Campos ou algum outro formulador da direita. Na avaliação de um cientista político, a direita não confia em Collor, pelo medo do futuro, e a esquerda, com medo do passado. O discurso do ex-governador não dá segurança à direita. Já a esquerda teme pelo seu passado de arenista e de malufista. Alheio aos rótulos, o povo dá mostras de que confia a ele suas esperanças de mudança.

O reitor da Universidade de Brasília, Cristovam Buarque, costuma explicar o distanciamento da intelectualidade, da esquerda e da direita, de Collor com a frase: "Intelectual tem medo do emocional." O voto emocional foge completamente à previsibilidade da análise da ciência política. Teorias, reflexões e ideologias apontavam para o intelectual soluções como a de Lula, do PT, de Mário Covas, do PSDB, e de Ulysses Guimarães, do PMDB. Nunca para líderes imprevisíveis, como Leonel Brizola, Jânio Quadro e, muito menos, para um Fernando Collor de Mello. Só que o povo surpreende. E a maioria dos intelectuais ainda não absorveu o fenômeno.

Esta postura dos intelectuais incomoda Collor de Mello. Ele acha que eles não darão um único voto a mais, mas não é de votos que precisa. Precisa de idéias, soluções, interpretações que o ajudem como candidato em primeiro lugar nas pesquisas. Na falta deste apoio, Collor vai socorrer sua assessoria minúscula. Iniciará na próxima semana uma viagem ao exterior, que lhe proporcionará status internacional. Também não está fora de suas cogitações uma viagem a Cuba, para conhecer o sistema de saúde, reconhecido pela ONU como exemplar. Isto até 15 de novembro. Caso seja realmente eleito, acredita que então, pela força da gravidade do poder, contará com este procurado apoio. Muitos deles virão pela ponte do PSDB, que começou a construir desde já.

Etevaldo Dias